

PESQUISAR E ENSINAR: considerações sobre museus escolares de ciências, Brasil e Argentina

Zita Possamai^{*}

Felipe Rodrigo Contri Paz^{**}

Introdução

Os museus de educação fizeram parte de um movimento internacional que perpassou vários países da Europa, Ásia e Américas e que teve seu período áureo no século XIX, podendo se estender até a primeira metade do século XX em muitas nações. Os termos que denominaram essa tipologia de museu são variados e podem designar espaços e materialidades que apresentam particularidades de acordo com os contextos nacionais ou locais, embora possam ser identificadas

^{*} Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estágio de Pós-doutorado na Universidade Paris 3 Sorbonne Nouvelle. Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, exercendo suas atividades no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, do qual é coordenadora, no Curso de Museologia, e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Pesquisador Nível 2 do CNPq. Pesquisa história dos museus, história da educação, cultura visual e fotografia. E-mail: zitapossamai@gmail.com

^{**} Mestre e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Licenciado e Bacharel em História pelo Centro Universitário La Salle/Unilasalle. Atualmente é professor nomeado da Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul (20 Horas) e bolsista CNPQ. Email: felipecontripaz@hotmail.com

características recorrentes que permitem aproximações entre diferentes países. Em diálogo com os estudos (RUIZ-BERRIO, 2000; PETRY; SILVA, 2013; LINARES, 2012) que buscaram identificar e caracterizar essas diferentes modalidades, utilizaremos

a noção ampliada de museus de educação para designar materiais, espaços e instituições, configuradas desde a modernidade, cujas temáticas e coleções estiveram especificamente vinculadas à educação, denominada de acordo com o contexto investigado como instrução ou ensino. Estão, desse modo, para fins operacionais, incluídos nessa tipologia os materiais didáticos produzidos para Lição de Coisas¹, os espaços e museus conformados no espaço da escola e os museus locais, regionais ou nacionais de educação, estes últimos denominados, entre final dos novecentos e início do século XX, como museus pedagógicos (POSSAMAI, 2015, p.107).

Algumas razões podem ser apontadas para o interesse da História da Educação e da Museologia por esses museus. No âmbito da Educação, por um lado, eles permitem aportar conhecimento sobre ideias e práticas educativas introduzidas no ensino em determinado contexto de modernização pedagógica com vistas ao alcance de uma educação científica como substrato da instrução pública, levada a efeito pelos Estados Nacionais. Por outro lado, em muitos desses espaços que subsistem ainda atualmente em diversas instituições escolares, as coleções têm recebido mais recentemente a mirada de pesquisadores em investigações situadas no amplo espectro que se convencionou denominar cultura escolar (JULIA, 2001) ou cultura material escolar (ESCOLANO, 2010) ou, ainda, cultura visual escolar (POSSAMAI, 2015). São cadernos escolares; mobiliários; troféus e flâmulas; fotografias, pinturas, gravuras e retratos; uniformes; maquinário diverso; bichos empalhados; herbários; rochas; instrumentos científicos, entre outros objetos. Essa museália vem sendo problematizada como documentos do passado a permitir análises

¹ Lição de Coisas denominou a estratégia pedagógica desenvolvida no âmbito da aplicação do método intuitivo na aprendizagem escolar e tinha como princípio o ensino dos conteúdos através do contato dos estudantes com o concreto, os objetos e as imagens. Sobre o método intuitivo, ver Valdamarin (1998), Cartolano (1996), Bastos (2013) e Kahn (2014) e sobre a relação entre Lições de Coisas e os museus, ver Possamai (2012).

em menor escala que possibilitem perceber tensões com os escritos legados pelas agências estatais de educação em diferentes contextos. Além disso, esses museus ainda se situam em movimento, presente especialmente na segunda metade do século XX, de valorização do denominado Patrimônio Educativo (VIÑAO, 2010; FELGUEIRAS, 2011) e que envolve, além do interesse acadêmico dos historiadores da educação, estudantes, educadores, famílias e vizinhança da escola. Para a Museologia, especialmente para a história dos museus, dão a ver processos singulares de invenção e apropriação de museus e suas coleções em relação aos museus clássicos e por públicos também específicos, que deram aos artefatos um uso pragmático em função das demandas do contexto de sua emergência.

Diante dessa miríade de possibilidades materiais, visuais e designativas, nesse capítulo nos deteremos sobre o museu caracterizado como espaço museológico localizado no interior de ambientes escolares, mais especificamente os museus cujas coleções estão relacionadas às ciências ou à História Natural. Inseridos no denominado movimento dos museus (LOPES, 1997; SCHWARCZ, 2005), os museus escolares de ciências mantinham uma relação potente com a História Natural e seus pesquisadores compartilhavam dos pressupostos científicos internacionais em circulação no contexto. Da atuação desses museus resultou a formação de importantes coleções vinculadas à fauna, à flora, à etnografia e aos minerais, bem como coleções didáticas destinadas ao ensino das ciências.

Assim, nossa intenção é analisar a história de dois desses museus, o Museu Anchieta de Ciências Naturais, localizado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, e o Museu Bernasconi, localizado em Buenos Aires, Argentina. Buscamos pistas e vestígios sobre a configuração do museu; sobre a formação de suas coleções; sobre a atuação de seus pesquisadores e educadores de modo a compor a montagem de micro histórias que permitam cotejar duas experiências museológicas transnacionais particulares, imbricadas em suas especificidades locais, marcadas por distanciamentos e aproximações e inseridas em movimentos

internacionais mais amplos (PODGORNY; LOPES, 2013). A análise sobre o Museu brasileiro amparou-se em investigação² de documentos escritos e visuais disponibilizados pela instituição e pela produção de imagens fotográficas do espaço atual do museu. As informações sobre o museu argentino foram obtidas a partir das exposições observadas *in loco* em julho de 2017 pelos autores³. Convém ressaltar a riqueza de dados oferecida em suas exposições de longa duração pelo Museu do Instituto Bernasconi⁴, nas quais foi possível observar além dos artefatos didáticos, diversos textos que abordam a história da instituição.

O Museu de História Natural do Colégio Anchieta

O Museu de História Natural do Colégio Anchieta foi fundado em 1908, estando em sua atual sede desde 1967, ano da estruturação dos novos edifícios da instituição escolar. A criação e constituição do museu, por vezes denominado nos documentos como Gabinete de História Natural, na primeira sede da escola na Rua da Igreja, em Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil) foi resultado das ações do padre suíço Pio Buck, que, logo em sua chegada à instituição, empreendeu uma importante ação de coleta de espécimes da fauna sul-rio-grandense, além de ter dirigido o museu de 1917 a 1972 (WITT, 2013, p.67). O Padre Pio Buck, nascido em Hochdorf na Suíça, em 1883, veio para o Brasil no ano de 1908. No entanto, no ano de 1913, teve de retornar para a Europa para finalizar seus estudos. Ao retornar ao Brasil e à escola jesuíta, no ano de 1917, dirigiu o museu até 1972, ano de seu falecimento.

A produção científica da instituição era intensa. O setor de Entomologia, com mais de 130.000 exemplares, era o de maior interesse

² A investigação desse museu fez parte do Projeto de Pesquisa intitulado Museus em espaço escolar: de laboratório de aprendizagem à museologia contemporânea (Rio Grande do Sul, Século XX), coordenado por Zita Possamai, a partir do qual foram derivados vários estudos, entre os quais o de Nara Witt (2016).

³ Pesquisa e levantamento fotográfico realizado por Zita Possamai.

⁴ No site da instituição também podem ser visualizadas outras informações e imagens do edifício do Instituto Bernasconi, das exposições do Museu, dos materiais didáticos e de Rosario Vera Peñaloza. Disponível em: <<http://www.buenosaires.gob.ar/museobernasconi>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

do pesquisador, especialmente os coleópteros representados por 79 famílias *hemípteros*, *lepidópteros*, *himenópteros*, *adonata* e outras ordens (WITT, 2016). Ainda atualmente, investigadores do mundo inteiro buscam no Museu Anchieta o estudo de peças únicas, pertencentes à fauna sul-rio-grandense. Os espécimes são acondicionados em caixas de vidro, visando uma melhor conservação e utilização didática, embora estas peças sejam mais raramente apresentadas aos estudantes da instituição.

Outra coleção relevante no Museu Anchieta refere-se aos estudos etnográficos. Estes receberam importantes investimentos ao longo da história da instituição, visto a intensa pesquisa de campo ali realizada. As tribos do estado de Mato-Grosso constituem-se no principal conjunto composto por 2.810 unidades de artefatos de povos indígenas, tais como: Rikbaktsa, Irantxe, Nambikuára, Caiabi, Pareci e Xavantes. Flechas, arcos, objetos de cerâmica, adornos, cocares, material lítico, estão entre outros artefatos destas culturas, embora em sua maior parte não fiquem expostos.

Dentre as peças pertencentes ao acervo etnográfico encontram-se crânios de nativos indígenas, pois durante as décadas de 1920 e 1930 ainda eram comuns os estudos antropológicos que se utilizavam do estudo craniométrico (ROQUETTE-PINTO, 1915; LACERDA, 1911; SOUZA, 2012). A coleta de restos humanos era prática muito recorrente, bem como as trocas destes acervos entre instituições, muitas vezes em caráter internacional. Por questões vinculadas à deontologia dos museus de ciências, as peças do Museu Anchieta estão na reserva técnica, não sendo expostas aos estudantes da instituição. Atualmente, em diversas áreas, há um debate intenso sobre como lidar com os acervos humanos presentes nas coleções museológicas. Por se tratar de restos mortais de tribos indígenas, há uma discussão sobre a devolução ou não destes aos grupos de origem (BARBOSA, 2013; CASCAIS, 2013). Se na transição dos séculos XIX e XX era comum a permuta de acervos desta tipologia entre as instituições americanas e europeias, hoje estes acervos são considerados um sério problema para as instituições que estudavam a chamada Antropologia Biológica. No entanto, a instituição está seguindo as diretrizes

internacionais, pois segundo o código de Ética do ICOM⁵, no que tange a restos e vestígios humanos:

Os museus que mantêm e/ou estão desenvolvendo coleções de restos humanos e objetos sagrados deveriam conservá-los em segurança e mantê-los cuidadosamente como sendo arquivos em instituições acadêmicas. Elas deveriam estar sempre disponíveis para pesquisadores e educadores qualificados, porém não para a curiosidade mórbida. Pesquisa sobre tais objetos, seu acondicionamento e cuidados precisam ser realizados de modo aceitável não somente para os colegas de profissão como para os de diferentes crenças, bem como para membros de uma comunidade em particular, como grupos étnicos ou religiosos. Apesar de, ocasionalmente ser necessário o uso em exposições interpretativas de restos humanos e outro material sensível, isso precisa ser feito com tato e com respeito pelos sentimentos de dignidade humana comum a todos os povos (ICOM, Código de Ética para Museus, 2004, p.20).

O código de ética lusófono de 2009 complementa sobre a questão da exposição de restos humanos:

4.3 Exposição de objetos “sensíveis” e/ou que podem ferir sensibilidades Os restos humanos e os objetos considerados sagrados devem ser expostos de acordo com normas profissionais, levando em consideração, quando conhecidos, os interesses e as crenças dos membros da comunidade, dos grupos religiosos ou étnicos de origem. Devem ser apresentados com cuidado e respeito à dignidade humana de todos os povos (ICOM, Código de Ética para Museus, Versão Lusófona, 2009, p.22).

Em 2013 o ICOM lançou um código de ética específico para os museus de História Natural. Segundo o documento, embora o Código de Ética do ICOM cubra os cuidados sobre a exibição de restos humanos,

⁵ O Código de Ética do ICOM foi aprovado por unanimidade pela 15ª Assembleia Geral do ICOM realizada em Buenos Aires, Argentina, em 4 de novembro de 1986, modificado na 20ª Assembleia Geral em Barcelona, Espanha, em 6 de julho de 2001, sob o título Código de Ética do ICOM para os Museus e revisto pela 21ª Assembleia Geral realizada em Seul, Coreia do Sul, em 8 de outubro de 2004. Por decisão da Assembleia do ICOM-BR, realizada em Florianópolis por ocasião do 3º Fórum Nacional de Museus em julho de 2008, o Conselho Consultivo do ICOM-BR foi designado como instância de referendo da nova versão do Código de Ética em Português, posteriormente encaminhada às comunidades do ICOM dos outros países lusófonos, lembrando que, no momento em que esta tradução estava sendo preparada, apenas Angola, Portugal e Brasil possuíam comitês nacionais do ICOM organizados.

"instituições de história natural, que frequentemente incluem restos humanos e material etnográfico sensível em suas coleções, podem enfrentar complexos desafios" (ICOM, *The ICOM Code of Ethics for Natural History Museums*, 2013). Ao todo são sete as recomendações do código para o tratamento desse tipo de acervo. Dentre as mais específicas, podemos citar:

[...] A origem do material e os desejos de qualquer descendente ou outro grupo interessado deve ser considerado em todas as circunstâncias. [...] Os restos humanos devem ser armazenados e exibidos com dignidade, em condições ambientais adequadas. [...] Os restos humanos só devem ser exibidos ou utilizados cientificamente em circunstâncias em que os melhores padrões profissionais possam ser implementados. Onde existirem os representantes dos grupos culturais a plena consulta deve ser realizada para exibição, representação e pesquisa (ICOM, *The ICOM Code of Ethics for Natural History Museums*, 2013, p.4, tradução nossa)⁶.

A coleta de espécimes humanos segue a linha de pensamento de outro importante pesquisador do Museu Anchieta, Padre Balduino Rambo. Nascido em Tupandi (RS), em 1906, morou parte de sua juventude na Alemanha, onde cursou Filosofia. Em seu retorno ao Brasil, em 1931, tornou-se professor de História Natural do Colégio Anchieta. Padre Rambo publicou vários manuais de ensino de História Natural, entre 1930 e 1933, período em que lecionou na instituição jesuíta⁷. Entre esses, publicara *Elementos de História Natural para o 3º ano seriado*, considerado um compêndio padrão em inúmeras instituições, tamanha sua importância e riqueza de ilustrações. Os reinos animal, vegetal e mineral foram bem explorados e inclusive as raças humanas, conteúdo que de algum modo

⁶ Versão Original: "[...] The origin of the material and the wishes of any descendants or other stakeholder groups must be considered in all circumstances. [...] Human remains should be stored and displayed with dignity, in appropriate environmental conditions. [...] Human remains should only be displayed or used scientifically in circumstances where the highest professional standards can be implemented. Where extant representatives of the cultural groups exist, any display, representation, research and/or deaccession must be done in full consultation with the groups involved".

⁷ Dentre algumas obras: *Elementos de História Natural* (1934); *Elementos de Química para 3º ano seriado* (1934-1935); *Fisionomia do Rio Grande do Sul* (1942), além de inúmeros artigos e relatórios sobre Botânica, Flora, Fauna e Geologia.

entrava nos currículos escolares. No capítulo descrito como Antropologia, o autor define de forma geral os europeus como elementos de cor branca, os orientais de cor amarela e os africanos de cor preta. Em momento algum há uma definição efetiva da “tipologia” do homem brasileiro. O estudo mais aprofundado remete às diferenças ligadas à descendência e um intenso estudo craniométrico foi promovido.

Ainda é possível observar em exposição no museu peças pertencentes à Paleontologia (1.245 lotes), à Mastozoologia (230 exemplares), à Ornitologia (471 exemplares) e à Herpetologia (836 exemplares), todos dispostos em dioramas compostos por espécimes taxidermizadas. A Taxidermia, antigo processo de enxerto de palha em animais mortos para manutenção das suas características (CHELINI & LOPES, 2008, p. 221), foi amplamente utilizada na instituição jesuíta, pois esta proporcionava a conservação dos espécimes e sua exposição. Com vistas a constituir um espaço expositivo atrativo, os animais taxidermizados foram dispostos em dioramas, prática comum entre os museus de escola. A palavra Diorama vem do grego e significa "para ver através". Para Marandino (2012, p.112) os dioramas "têm sua origem nas produções teatrais do início do século XIX, quando foram desenvolvidos cenários compostos por jogos de luzes e pinturas translúcidas a fim de proporcionar um espetáculo mais realista para o público". E os museus de História Natural, ou que tratassem de História Natural, foram os que mais difundiram o uso dessa estratégia técnica para exposição.

Segundo Oliveira (2010, p.109) os dioramas "representam cenas reais das espécies de animais e de plantas no ambiente natural". O Diorama também é entendido como um "modo de apresentação artística, de maneira muito realista, de cenas da vida real para exposição com finalidades de instrução e entretenimento" (CHELINI; LOPES, 2008, p.211).

Os dioramas do Museu Anchieta (Figura 1) recriam a vida de diferentes ecossistemas, relacionando os animais ao seu habitat natural. Fica evidente a preocupação da instituição no uso destes modos de expor como ferramentas de ensino, visto que somente os animais taxidermizados em relação direta com o ambiente criado estão expostos, enquanto os

demais estão restritos à reserva técnica. Não somente os animais são foco dos dioramas, visto que inúmeras plantas são representadas no espaço, o que contribui para expor a ideia de biodiversidade.



Figura 1 - Dioramas do Museu Anchieta. **Foto:** Felipe Contri Paz, 2017

O Museu Anchieta também é conhecido por possuir em seu acervo peças únicas ou extremamente raras, como é exemplo um fragmento do conhecido Meteorito de Putinga (Figura 2). Esta a denominação coloquial dada à grande explosão de um asteroide ocorrida em Putinga, cidade localizada a 146 km de Porto Alegre (RS), no ano de 1937. Esta explosão teve tamanha proporção que inúmeros foram os pedaços e estilhaços encontrados nos municípios próximos. A maior parte ficou localizada na área rural da cidade de Putinga, daí a nomenclatura popular. O maior fragmento, que tem um peso aproximado de 45Kg, está em posse do Museu de Mineralogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Outros dois fragmentos de grande porte estão localizados na Bahia, no Museu Geológico de Salvador e em Putinga, no Museu Municipal. No entanto, o Museu Anchieta constitui-se no único espaço escolar a possuir e expor este tipo de fragmento, cujo peso estimado é 9Kg. Com vistas a permitir uma maior aproximação dos visitantes e de um contato mais direto com o artefato, uma réplica fica exposta, permanentemente, na entrada do museu. Caso seja solicitado por pesquisadores, a peça original pode ser visualizada e manuseada. A prática de construir réplicas destinadas às atividades pedagógicas não é recente nos museus de ciências e para o ensino de Mineralogia tem sido amplamente utilizada,

com a finalidade de evitar acidentes com o manuseio e exposição das amostras. Outro fator importante se relaciona à possibilidade de empréstimo para pesquisadores e/ou instituições museais, sendo neste caso emprestada a réplica e não o objeto original.



Figura 2 - "Meteorito de Putinga". À esquerda, original; à direita, réplica. Fonte: **Foto:** Felipe Contri Paz, 2017

Outra importante peça contida no museu é o Gavião Real (*Harpia Harpyja*), conhecido como símbolo do Museu. A ave foi coletada ainda com vida na fazenda do Major Alberto Bins⁸, sendo tratada e cuidada por Antônio Ronna, renomado veterinário da época, até sua morte em 1940. O exemplar constitui-se em uma fêmea taxidermizada por José Kopetzky, austríaco radicado no Brasil.

Além das peças únicas encontradas no acervo do Museu Anchieta, inúmeros são os materiais didáticos reunidos ao longo dos anos. Os mais expressivos são os quadros parietais, caracterizados como "material didático usado para a transmissão de conhecimentos escolares (...) numa superfície plana" (FARIA, 2013, p.01), sendo conhecidos por parietais por serem pendurados nas paredes. Originalmente criados na Alemanha, em 1820, visavam ensinar sobre o cotidiano dos educandos, ao abordar aspectos da natureza, como o ciclo da água, tipos de minerais e vegetais ou

⁸ Previa a reforma dos ensinos primário, secundário e superior. Sobre o ensino primário, a principal mudança é que este deveria ser feito com base no método intuitivo e Lições de Coisas. As escolas secundárias deveriam contar com as disciplinas de História Natural, Física e Química.

conteúdos relativos a manufaturas e processos mais elaborados, como, por exemplo, as etapas de fabricação do vinho, detalhadas em desenhos coloridos, indo desde a plantação e colheita da uva até a manufatura, engarrafamento e comercialização da bebida.

Estas imagens foram utilizadas como recursos técnico-didáticos, para captar a atenção dos alunos ou focá-la em determinados aspectos. Os quadros parietais destinavam-se ao exercício do sentido da visão e permitiam aos alunos um contacto com paisagens, plantas e animais que de outra forma não teriam hipóteses de conhecer e deter-se sobre alguns aspectos considerados importantes. Estes permitiam também mostrar a dimensão oculta dessa realidade, ilustrando a estrutura e o funcionamento interno dos seres vivos, da terra ou do mundo aquático, conduzindo os alunos num processo de estudo do mundo observável para o universo microscópico (GUERRA, 2007, p.96).

Os quadros parietais, existentes no Museu Anchieta de Ciências Naturais, apresentam duas denominações: *Museu Escolar* e *Les Fils D'Émile Deyrolle*. O Museu Escolar, segundo Vidal (1999, 2009, 2012) e Petry (2013) era uma espécie de versão do *Musée Scolaire Deyrolle*, composto por quadros parietais produzidos na França, traduzidos e adaptados para o Brasil. A autoria destas adaptações seria obra de Menezes Vieira⁹, diretor do *Pedagogium*¹⁰ de 1890 a 1896. Por sua vez, *Les Fils D'Émile Deyrolle* era uma empresa francesa, inicialmente chamada *Maison Deyrolle* e criada em 1831 por Jean-Baptiste-Deyrolle com a finalidade de comercializar produtos de âmbito escolar, dentre eles as chamadas pranchas escolares (ou quadros parietais), animais taxidermizados e até mesmo mobiliário escolar. A quarta geração da família foi responsável pela mudança do nome da empresa. Assim, podemos inferir que os quadros existentes no Museu Anchieta, pertenciam ao Museu Escolar, tendo sido traduzidos e adaptados para o contexto escolar brasileiro.

⁹ Joaquim José de Menezes Vieira foi um educador e médico brasileiro que fundou e dirigiu uma instituição que levava seu nome (Colégio Menezes Vieira) e criou o primeiro jardim da infância brasileiro (BASTOS, 2000, p.95).

¹⁰ Museu Pedagógico fundado no Rio de Janeiro em 1890 e extinto em 1919. O Pedagogium recebia cursos e conferências, que versavam sobre métodos de ensino e sobre ciências (BASTOS, 2000, p.98).

O Museu Anchieta possui alguns desses quadros parietais que representam diferentes atividades naturais. Infelizmente, não há documentação referente ao processo de compra ou aquisição desses materiais, o que dificulta conhecer com exatidão a época em que estes foram trazidos para o espaço do museu ou utilizados em sala de aula. Na lógica de educar pelos sentidos, especialmente pela visão, os quadros poderiam ser compostos por desenhos coloridos que ilustravam com perfeição os elementos da natureza e por um conjunto de amostras do conteúdo abordado, ligado aos reinos mineral, animal ou vegetal, acompanhadas por legendas explicativas. Os quadros sobre a História da Terra, por exemplo, apresentam diferentes tipos de rochas (argila de borra, calcário corallíneo, calcário neocomio, argila de Gault, greda branca, ostrea virgula, terebratula) relacionadas à uma diversificada fauna (pterodáctilo, ictiosauro, plesiosauro). Ao abordar os terrenos terciários, apresenta as rochas do período (argila plástica, calcário grosso, gesso, areia silicea) com os primeiros mamíferos nascentes (*Coryphodao*, *Anoplotherium*, *Mastodonte*).

No quadro "História da Terra" é possível ver um texto introdutório informando que:

Não são somente as rochas que servem para edificar, nem os minerais que fornecem os metais, nem as argilas que empregamos nas olarias, nem os arenáceos silíceos para a fabricação dos cristais, nem os carvões de pedra que dão tantos resultados para a economia, os únicos produtos que tiramos do seio da terra; existem ainda muitos outros minerais utilizados pela indústria do homem (LES FILS, [196-]).

Na sequência desse texto uma série de pequenos casulos de amostra de inúmeros produtos extraídos da terra, tais como petróleo, ocre, mármore, filada.

Ainda há quadros parietais (Figura 3) direcionados a conteúdos relacionados a materiais específicos, tais como chumbo, zinco e hulha, também conhecida como carvão de pedra. Estes quadros trazem os estados principais de existência destas substâncias, de quais tratamentos e usos eram despendidos para cada um, além de citar os diferentes tipos de produtos fabricados a partir de cada um deles. No zinco, por exemplo, é

possível verificar a apresentação de variados produtos: zinco laminado, zinco pontudo, pregos de zinco, zinco estilado, zinco cobrindo ferro, sulfato de zinco, carbonato de zinco. E até mesmo as possíveis ligas do zinco com demais metais. No caso da hulha, uma demonstração dos tipos de hulhas encontradas na natureza, bem como dos locais de maior probabilidade de encontro destes carvões. Outro fato interessante refere-se ao fato de e apesar de ter sido produzida por uma empresa estrangeira, o quadro parietal está inteiramente traduzido para o português, o que demonstra, possivelmente, uma preocupação da empresa com o mercado brasileiro. Abaixo alguns dos quadros parietais do Museu Anchieta.



Figura 3 - Quadros Parietais Museu Anchieta. **Foto:** Felipe Contri Paz, 2017

A presença dos quadros parietais do Museu Escolar no Museu do Colégio Anchieta é indício da utilização desses materiais de ampla circulação mundial no ensino de ciências, seja pelo museu quando da visita

dos estudantes, seja em sala de aula por meio da mediação dos professores. Esse aspecto, por um lado, reforça o papel do museu, inserido em ambiente escolar, como coadjuvante do ensino e da sala de aula. Além disso, a presença de museus nas escolas era condição para equiparação das escolas locais ao Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, modelo de educação no Brasil, no contexto. Por outro lado, a atuação dos padres jesuítas e pesquisadores do museu estão em sintonia com uma preocupação de investigação científica que ultrapassa os muros restritos de um museu escolar e se insere em uma rede mais ampla compartilhada por diversos pesquisadores que atuavam nos museus de história natural (LOPES; MURRIELO, 2005; SANJAD, 2010).

O Museu para a Escola Primária da Argentina

Enquanto o Museu Escolar produzido pela empresa francesa Emille Deyrolle ganhava uma versão em português e adaptação para o contexto escolar brasileiro, na vizinha Argentina os debates giravam em torno da tensão entre buscar materiais didáticos modernos inspirados nos modelos amplamente produzidos nos países estrangeiros e o imperativo de contar com conteúdos relacionados ao local e ao nacional (GARCIA, 2007, 2014; LINARES, 2012).

Alguns desses materiais com finalidade didática foram produzidos no âmbito do Museu para a Escola Primária pela educadora Rosario Vera Peñaloza. Tal museu fora instituído nos espaços de um grande empreendimento escolar levado a efeito na capital do País, graças à iniciativa do industrial Félix Fernando Bernasconi. Filho de imigrantes suíços, nascido em Buenos Aires em 1860, ele adquirira várias propriedades, às quais doara em testamento, bem como grande parte de sua fortuna, ao Conselho Nacional de Educação argentino com o propósito de construir um “Palácio-Escola” que ofereceria ensino gratuito às crianças. A obra que impressiona ainda nos dias de hoje por sua magnitude ficou conhecida como “a Sorbonne de Buenos Aires” e teve sua pedra fundamental colocada em 26 de setembro de 1921 e foi inaugurada em

1929, quando recebeu o nome de seu benfeitor, passando a denominar-se Instituto Bernasconi.

No mesmo ano de inauguração da escola, o Conselho Nacional de Educação encomendou a Rosario Vera Peñaloza o projeto de criação do “Primeiro Museu Argentino para a Escola Primária”, tomando como base teórica as ideias de Joaquín V. González¹¹. O museu pode ser dividido em duas grandes coleções: animais taxidermizados e coleção didática. A coleção de animais taxidermizados fora doada pelo naturalista Angelo Gallardo (1867-1934) (Figura 4), diretor do Museu Nacional de História Natural da Argentina, Presidente do Conselho Nacional de Educação e Ministro de Relações Exteriores. Gallardo fora membro da comissão que colaborara com Rosario Peñaloza para a criação do Museu no Instituto Bernasconi.

Mas a idealizadora do projeto do museu fora Rosario Vera Peñaloza. Ela nasceu em Atilas, província de La Rioja, em 1873 e veio a exercer diversas funções da carreira educativa como professora de jardim de infância, professora, diretora, supervisora, inspetora, além de ter fundado institutos educativos e ter sido formadora pedagógica em ensino primário e médio. Promoveu a criação de jardins de infância, dos quais era entusiasta, e dedicou-se ao estudo da geografia a partir de um viés positivista e baseado na obra de Joaquín V. González, que concebia o desenvolvimento das sociedades através de círculos concêntricos, cujo eixo principal era o meio físico e a relação do homem com a natureza. Esses conhecimentos nutriram a corrente pedagógica da Escola Nova, amplamente disseminada nas Escolas Normais argentinas, e onde Rosario Peñaloza havia adquirido sua formação secundária, ainda em La Rioja¹².

¹¹ Joaquín Víctor González nasceu na província de La Rioja em 1863 e faleceu em Buenos Aires em 1923. Foi historiador, jurista, professor, filósofo, escritor, deputado e senador. Foi governador de La Rioja; Ministro da Justiça e da Instrução Pública; fundou a Universidade de la Plata e o Instituto Nacional do Professorado Secundário de Buenos Aires. Publicou vasta obra sobre história, sociologia e direito que teve ampla repercussão no seu País.

¹² Após 17 anos de trabalho, em 1947, Rosario deixou o Museu e veio a falecer em 28 de maio de 1950, data que comemora na Argentina o dia da professora jardineira e o dia dos jardins de infância.



Figura 4 - Vista da Sala de exposição da Coleção Angelo Gallardo. **Fonte:** Sítio do Museu Bernasconi

Conforme texto expositivo do museu:

Rosario, que percorreu o país investigando suas regiões e sua gente, tomou a geografia como ponto de partida para os conhecimentos do currículo escolar. Começa pelos fenômenos físicos, seguindo pelos biológicos e, por último, como produto destas relações, os fenômenos sociais. Dedicou 17 anos de sua vida à criação do material didático que hoje é seu legado: mapas em relevo, dioramas representativos de áreas geográficas, monumentos históricos, tabelas impressas e policromadas sobre os usos e costumes de nossas regiões (MUSEU BERNASCONI, 2017)¹³.

Imbuída dos pressupostos educativos da Escola Ativa que colocavam os alunos e seus sentidos como centralidade, Rosario preocupou-se em coletar pedras, restos arqueológicos e elementos autóctones; retratou paisagens; estudou a natureza e o corpo humano; produziu por conta própria mapas, relevos, dioramas, pictogramas e

¹³ MUSEU BERNASCONI, Buenos, Aires, 2017, tradução livre dos autores do original: "Rosario, que recorrió el país investigando sus regiones y su gente, tomó la Geografía como punto de partida para los conocimientos de la currícula escolar. Comienza por los fenómenos físicos, luego los biológicos y por último, como producto de estas relaciones, los fenómenos sociales".

gravuras que proporcionassem o ensino intuitivo. Hoje, a Sala Didática (Figura 5) reúne os recursos tridimensionais idealizados e elaborados por Rosario Vera Peñaloza de modo a especialmente tornar mais lúdico o ensino da geografia. O trecho a seguir ressalta essa afirmação:

Com esse objetivo, Rosario Vera Peñaloza criou diagramas tridimensionais em tamanho grande, seguindo o ideal de que o museu estivesse a par das circunstâncias das escolas e de seu conteúdo teórico-prático. Estabelecendo a relação da vida humana com o meio físico como eixo, podemos abordar diferentes cenários. Estes juntam história com mineração, arquitetura com agricultura, a imaginação com a zoologia. Joaquín V. González foi quem partiu deste princípio relacional, o qual foi retomado por Rosario Vera Peñaloza ao construir este museu para convidar-nos a empreender um caminho diferente na educação e nos cultivar nas ciências do meio ambiente (MUSEU BERNASCONI, 2017)¹⁴.



Figura 5 - Sala Didática. Fonte: Sítio do Museu Bernasconi

¹⁴ MUSEU BERNASCONI, Buenos, Aires, 2017, tradução livre dos autores, do original: "[...] Con ese objetivo Rosario Vera Peñaloza creó diagramas tridimensionales de gran tamaño siguiendo el ideal de que el museo esté al tanto de las circunstancias de las escuelas y su contenido teórico-práctico. Estableciendo la relación de la vida humana con el medio físico como eje, podemos abordar las diferentes scenas. Éstas cohesionan historia con minería, arquitectura con agricultura, la imaginación con la zoología. Joaquín V. González fue quien partió de este principio relacional, el cual retomo Rosario Vera Peñaloza al construir este museo para invitarnos a emprender un camino distinto en la educación y cultivarnos em las ciências medioambientales".

Assim, foram diversos os dioramas e maquetes (Figura 6) elaborados pela educadora e seus colaboradores para proporcionar a visualidade das características geográficas do território argentino, bem como as relações do homem com a natureza ao longo do tempo. Além disso, suas andanças por diversas regiões proporcionou um levantamento fotográfico de aspectos geográficos, históricos e sociais que lhe permitiu desenvolver uma ideia de nação de matiz popular, na qual as tradições criollas e dos povos autóctones foram valorizadas. Nesse sentido, o site da instituição considera que “com a criação do Primeiro Museu para a Escola Primária, Rosario materializou seu ideário pedagógico e político.”



Figura 6 - Maquete da ocupação Inca. **Foto:** Zita Possamai, julho 2017

Além de dedicar-se à didática do estudo da Geografia, Rosario Peñaloza deu atenção ao estudo das ciências naturais, especialmente ao estudo do corpo humano, para cuja compreensão de processos internos e invisíveis para as crianças ela utilizou a estratégia da analogia com fatos e situações conhecidos do cotidiano. A analogia, tal como proposta pela educadora, permitia observar, comparar e vincular, agregando novos conhecimentos aos alunos através do estímulo à imaginação. Exemplo dessa estratégia pedagógica pode ser vista na analogia das características e funcionamento do cérebro humano com a cidade Luz, Paris (Figura 7).

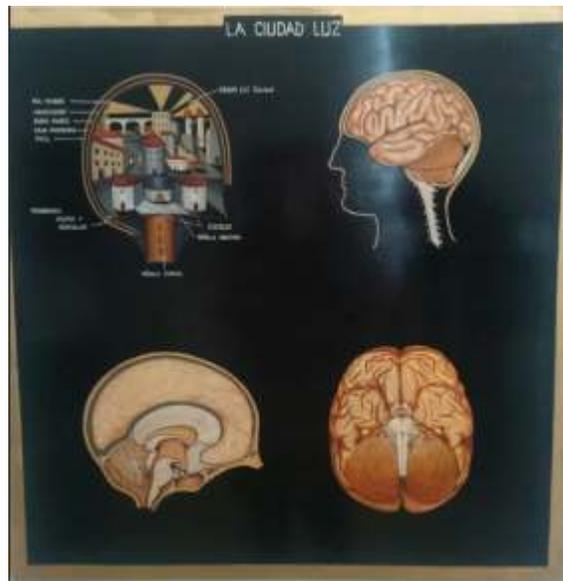


Figura 7 - A Cidade Luz, cartaz policromado da Série O Corpo Humano, elaborado por Rosario Vera Peñaloza. **Foto:** Zita Possamai, 2017

Agregava-se à imagem do cérebro com suas partes fisiológicas e a analogia com a cidade, um texto explicativo:

A Cidade Luz - Sistema nervoso central

O cérebro: este órgão, como a cidade de Paris, é a residência de todas as funções intelectuais do homem. O sistema nervoso central é o encarregado de receber e processar as sensações coletadas pelos diferentes sentidos e transmitir as ordens de resposta aos diferentes órgãos efetores (MUSEU BERNASCONI, 2017)¹⁵.

Observa-se a criatividade da educadora em buscar tais analogias e estabelecer relações que proporcionassem a compreensão pelas crianças de processos complexos e não visualizáveis. Esses materiais além de poderem ser vistos pelas escolas através das visitas de alunos e seus

¹⁵ O artigo trata da organização inicial do Museu Paulista a partir das correspondências de Hermann von Ihering (primeiro diretor do Museu) com o geólogo Orville A. Derby (Presidente da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, órgão responsável pela primeira composição do que seria o Museu) e o paleontólogo Florentino Ameghino (diretor do Museu de Buenos Aires entre 1862 e 1912). Considera a discussão sobre a origem do Museu Paulista no contexto dos processos de consolidação das ciências naturais no Brasil.

professores ao Museu Bernasconi também circulavam pelas escolas argentinas. Desse modo, o museu inseria-se como instrumento a contribuir para a incorporação no ensino das ideias pedagógicas calcadas no método intuitivo e na Escola Ativa. Ademais, os estudos e materiais elaborados por Rosario Vera Peñaloza podem ser situados na singularidade de sua formação como mestre normalista, preocupada com a educação das crianças, e na atenção aos aspectos geográficos e culturais locais.

Considerações Finais

A partir desses dois estudos de caso, localizados no Brasil e na Argentina, é possível observar uma dupla configuração dos museus criados em espaço escolar. Por um lado, o vínculo estreito com a investigação científica de seus colaboradores no campo das ciências naturais, o que possibilitou a formação de coleções de espécimes oriundos da fauna e da flora local e artefatos das populações autóctones. Essas coleções, embora não se constituam em objeto de pesquisas recentes por parte do Museu Anchieta, constituem-se em referências de consulta às investigações realizadas por outras instituições no Brasil e no exterior, em função de sua relevância científica, especialmente para a área de entomologia. No caso do museu brasileiro, os padres cientistas foram os protagonistas de coletas efetivadas em território gaúcho, o que mostra o museu como pesquisador ativo; ao passo que o museu argentino na área de ciências naturais recebera em doação a coleção de Angelo Gallardo, não se colocando como ativo na coleta de espécimes locais.

Por outro lado, por estarem inseridos numa instituição escolar, ambos os museus foram posicionados como instrumentos educativos para as diferentes disciplinas do currículo. No museu brasileiro foram encontrados em suas coleções os cartazes do Museu Escolar produzido por Emille Deyrolle, adaptado para o contexto brasileiro. Entretanto, embora o padre pesquisador do Museu Anchieta Balduino Rambo tenha elaborado e publicado diversos livros didáticos sobre ciências naturais que alcançaram larga tiragem, não se observa a mesma preocupação com a idealização e produção de materiais didáticos a serem utilizados para as visitas dos estudantes no museu ou mesmo em sala de aula. O museu

argentino, ao contrário, apresenta uma profusão de materiais didáticos concebidos e produzidos por Rosario Vera Peñaloza, com destaque, sobretudo para o ensino da geografia e do corpo humano, conforme visto anteriormente.

Embora apresentem diferenças que singularizam cada uma dessas experiências, ambos os museus estão em sintonia com dois movimentos mais amplos e de escala internacional: por um lado, fazem parte do movimento dos museus de História Natural, cujo período áureo está situado entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX; por outro lado, vinculam-se ao movimento internacional de modernização pedagógica, para o qual os museus de educação foram considerados de extrema importância por reunirem coleções, objetos, artefatos e materiais didáticos afinados com os preceitos de uma educação calcada no concreto que estimulasse o aluno a desenvolver seus sentidos e sua imaginação. Uma educação em moldes científicos encontra nas características particulares dos museus, especialmente dos museus escolares, ou seja, atenção para os objetos e para a visualidade, a matéria prima necessária para desenvolver os novos preceitos colocados em ação.

Hoje, esses espaços, embora sigam sendo visitados pelos estudantes das suas instituições e utilizados para o ensino de determinados campos das ciências, reveste-se de importância para a história da educação e para a história dos museus. Mirá-los e analisá-los nos permite conhecer percursos de práticas e métodos educativos e científicos configurados na conexão estreita entre Museologia e Educação.

Referências

BARBOSA, João Mítia Antunha; BARBOSA, Marco Antonio. As coleções arqueológicas e museológicas face às reivindicações internacionais: recuperação de objetos rituais, restituição e reenumeração de restos mortais. **Direito, Estado e Sociedade**, n.43, p.65-92, jul/dez 2013.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **Pro Patria Laboremus**: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

_____. Ferdinand Buisson no Brasil. - Pistas, vestígios e sinais de suas ideias pedagógicas (1870-1900). **Revista História da Educação**, v.8, p.79-109, set.2000.

_____. Método Intuitivo e Lições de Coisas por Fernand Buisson. **Revista História da Educação**, v.17, n.39, p.231-253, Jan./abr. 2013.

CARTOLANO, Maria Teresa Penteado. As lições de coisas na reforma Benjamin Constant, de 1890. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação I., 1996, Lisboa. **Anais...** Lisboa, 1996. v. II. p.193-200.

CASCAIS, Antônio. **Olhares Sobre a Cultura Visual da Medicina em Portugal**. Lisboa: Editora Leya, 2015.

CHELINI, Maria-Julia Estefânia; LOPES, Sônia Godoy Bueno de Carvalho. Exposições em museus de ciências: reflexões e critérios para análise. **Anais do Museu Paulista**, v.16, n.2, p.205-238, jul-dez 2008.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Patrimonio material de la escuela e historia cultural. **Linhas**, Florianópolis, v.11, n.02, p.13-28, jul. /dez. 2010.

FARIA, Joana Borges de. Os quadros parietais nas escolas brasileiras entre meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX. In: Reunião Científica Regional Sudeste da ANPEd., 12., 2013. **Anais...** 2013.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Herança educativa e museus: reflexões em torno das práticas de investigação, preservação, e divulgação histórica. **Revista Brasileira da História da Educação**, v.11, n.1, p.67-92, jan./abr. 2011.

GARCÍA, Susana V.. Museos escolares, colecciones y la enseñanza Elemental de las ciencias naturales en la Argentina de fines del siglo XIX. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v.14, n.1, p.173-196, jan. mar. 2007.

GUERRA, Marcolina, João Espiguiha. 2007. Memória e materialidade no ensino liceal: um percurso pelo patrimônio e materiais didáticos do Liceu de Porto Alegre. **Dissertação** (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Ciências da educação, Universidade de Lisboa, 2007.

GRUZMAN, Carla; SIQUEIRA, Vera Helena F. de.. O papel educacional do Museu de Ciências: desafios e transformações conceituais. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v.6, n.2, p.402-423, 2007.

International Council of Museums - ICOM. **Código de Ética do ICOM para Museus**. Seul: 2004. Disponível em: <<http://icomportugal.Org/multimedia/File/Cdigo%20tica%20-%202007%20%20verso%20final%20pt.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

International Council of Museums - ICOM. **Código de Ética** (Versão Lusófona), 2009. Disponível em: <http://icom.org.br/wpcontent/themes/colorwaytheme/pdfs/codigo%20de%20etica/codigo_de_etica_lusofono_iii_2009.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.01, p.09-44, 2001.

KAHN, Pierre. Lições de coisas e ensino das ciências na França no fim do século 19: contribuição a uma história da cultura. **História da Educação**, v.18, n.43, p.183-201, maio/ago. 2014.

KUHLMANN Jr., Moysés. As Grandes festas Didáticas. A Educação Brasileira e as Exposições Internacionais (1862-1922). **Tese** (Doutorado), FFLCH/USP, São Paulo, 1996. Orientador: Maria Luiza Marcilio.

LACERDA, João Baptista de. **Congresso Internacional das Raças**. Londres, 1911.

LES FILS D'EMILE DEYROLLE. **História da Terra**. Paris, [196-]. (Museu Escolar, 53B).

LINARES, Maria Cristina. **Educar con los objetos**: museos pedagógicos en la historia de la educación argentina (1880-2009). Luján: Universidad Nacional de Luján, 2012.

LOPES, Maria Margareth. **O Brasil descobre a pesquisa científica**: Os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1995.

LOPES, Maria Margareth; MURRIELLO, Sandra Elena. Ciências e educação em museus no final do século XIX. **História, Ciências, Saúde - Manginhos**, v.12 (suplemento), p.13-30, 2005.

LOURENÇO, Maria Cecília França. **Guia de Museus Brasileiros**. São Paulo: Edusp, 2000.

MARANDINO, Martha. Museus de Ciências, Coleções e Educação: relações necessárias. **Museologia e Patrimônio**, v.2, n.2, p.01-12, 2009. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/63/68>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

_____. Dioramas e biodiversidade: estudando um museu de ciências brasileiro. **Revista Educación y Futuro**, v.27, p.107-120, 2012.

OLIVEIRA, Adriano Dias de. Biodiversidade e museus de ciências: um estudo sobre transposição museográfica nos dioramas. **Dissertação** (Mestrado), Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências, USP, São Paulo, 2010. Orientador: Martha Marandino.

PESAVENTO, Sandra. **Exposições Universais**: espetáculos da Modernidade do século XIX. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

PETRY, Marília Gabriela. Da recolha à exposição: a constituição de museus escolares em escolas públicas primárias de Santa Catarina (Brasil-1911 a 1952). 2013. 222f. **Dissertação** (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Orientador: Vera Lucia Gaspar da Silva.

PODGORNY, Irina; LOPES, Maria Margaret. Trayectorias y desafíos de la historiografía de los museos de historia natural em América Del Sur. **Anais do Museu Paulista**, v.21, n.1, p.15-25, jan.-jun. 2013.

POSSAMAI, Zita. "Lição de coisas" no museu: o método intuitivo e o Museu do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, nas primeiras décadas do século XX. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, Arizona, n.43, v.20, p.01-16, 2012.

_____. Exposição, Coleção, Museu Escolar: ideias preliminares de um museu imaginado. **Educar em Revista**, n.58, p.103-119, out./dez. 2015.

_____. A grafia dos corpos no espaço urbano: os escolares no álbum Biografia duma cidade, Porto Alegre, 1940. **História da Educação**, v.19, n.47, p.129-148, set./dez., 2015.

ROQUETTE-PINTO, Edgar. **Guia de antropologia do Museu Nacional**. Rio de Janeiro, 1915.

RUIZ BERRIO, Julio. Hacia una tipología de los museos de educación. In: **El libro y La educación**. Alcalá: Asociación Nacional de Editores de libros y Materiales de Enseñanza, 2000. p.58-75.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Retratos da nação: os 'tipos antropológicos' do Brasil nos estudos de Edgard Roquette-Pinto, 1910-1920. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v.7, n.3, p.645-669, set.-dez. 2012.

SANJAD, Nelson. **A coruja de Minerva**. O museu Paranaense entre o Império e a República (1866-1907). Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VALDEMARIN, Vera Teresa. O método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa; ALMEIDA, Jane Soares de. **O legado Educacional do século XIX**. Araraquara: Unesp - Faculdade de Ciências e Letras, 1998. p.64-105.

_____. **Estudando as lições de coisas**. Estudo sobre os fundamentos filosóficos do Método de Ensino Intuitivo. Livre-Docência na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São Paulo: UNESP, 2001.

_____. Lições de coisas: concepção científica e projeto modernizador para a sociedade. **Cad. CEDES [online]**, v.20, n.52, p.74-87, 2000.

VALENTE, Maria Eesther; CAZELLI, Sibebe; ALVES, Fatima. Museus, ciência e educação: novos desafios. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v.12 (suplemento), p.183-203, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. A invenção da modernidade educativa: circulação internacional de modelos pedagógicos, sujeitos e objetos no oitocentos. In: CURY, Cláudia Engler; MARIANO, Serioja (Orgs.). **Múltiplas visões: cultura histórica no oitocentos**. João Pessoa: UFPB, 2009. p.37-54.

VIDAL, Diana Gonçalves. Museus pedagógicos e escolares: inovação pedagógica e cultura material escolar no Império Brasileiro. In: ALVES, Claudia; MIGNOT, Ana Chrystina (Orgs.). **História e historiografia da educação ibero-americana: projetos, sujeitos e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet/Faperj/SBHE, 2012. p.197-211.

_____. O museu escolar brasileiro: Brasil, Portugal e França no âmbito de uma história conectada (final do século 19). In: FERNANDES, Rogério; LOPES, Alberto; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Orgs.). **Para a compreensão histórica da infância**. Porto: Campo das letras, 2006. p.239-264.

VIDAL, Diana Gonçalves. Por uma pedagogia do olhar: os museus escolares no fim do século 19. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de (Orgs.). **A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.107-116.

VIÑAO, Antonio. Memoria, patrimonio y educación. **Educatio Siglo XXI**, v.28, n.2, p.17-42, 2010.

WITT, Nara Beatriz. *Ensino ou Memória: (In) visibilidades dos museus escolares em Porto Alegre/RS*. 2013. 127f. **Monografia** (Graduação), Museologia, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Orientador: Zita Rosane Possamai.

WITT, Nara Beatriz; POSSAMAI, Zita. Ensino e Memória: os museus em espaço escolar. **Acervos para História da Educação**, v.29, n.44, Jun/2016. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc>>. Acesso em: 24 nov. 2017

WITT, Nara Beatriz. Uma "Jóia" no sul do Brasil. O Museu de História Natural do Colégio Anchieta, criado em 1908. 2016, 116f. **Dissertação** (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Orientador: Zita Rosane Possamai.

